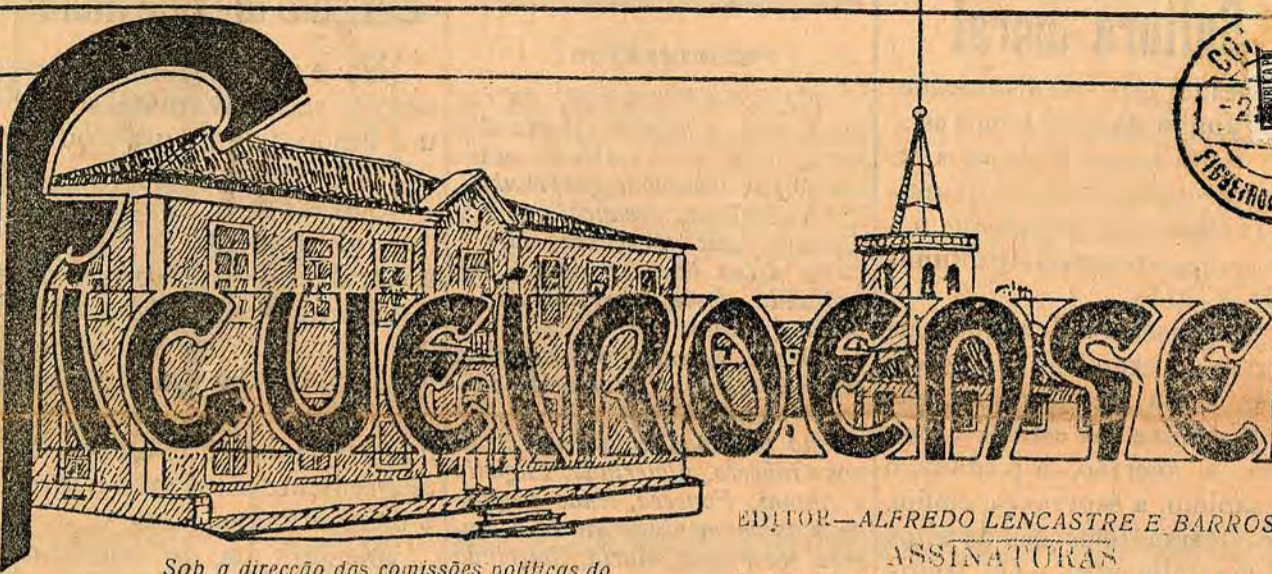




Propriedade da empresa União Figueiroense

Sob a direcção das comissões políticas do Partido Republicano Portuguez  
O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA

## O milho

No ultimo domingo, ocorreram no mercado desta vila uns incidentes que, embora sem importancia, todavia, poderiam ter sido o inicio de outros de maior gravidade.

Alguns consumidores apoderaram-se violentamente do milho que se encontrava á venda no mercado, não o pagando aos vendedores por preço superior ao estabelecido na tabela oficial. O caso produziu certo burburinho no mercado e se não fôra a pronta intervenção do sr. administrador do concelho, a ordem publica corria o grave risco de alterar-se.

Temos sempre pugnado aqui pelos interesses do povo e não pedimos licença ás classes abastadas para defendermos os interesses das classes pobres. Mas entendemos que só dentro da ordem e da legalidade é que se podem defender interesses e direitos, quaesquer que eles sejam, porque, aliaz, seria estabelecer a anarquia e tornar impossivel a defesa d'esses legítimos interesses e direitos.

Não concordamos, pois, com o que se fez no preterito domingo e, com magua o dizemos, a repetirem-se taes factos, eles só podem prejudicar aqueles que os praticam. Presidiu á confeção das tabelas um espirito justiceiro e humanitario, com o intuito generoso de impedir a exploração dos consumidores por parte dos vendedores. Reconhecemos a boa vontade do governo em poupar o povo á ira das garras do vendedor, mas, por outro lado, somos forçados a reconhecer tambem que a tabela que estabelece o preço de seiscentos e setenta e cinco reis por alqueire de quatorze litros, é uma tabela impraticavel. O milho não se pode vender por esse preço. Uma tal exigencia inorta uma violenta extorsão contra os agriultores. A nossa consciencia diz-nos isto mesmo, tanto mais que em outros concelhos não se cumpre a tabela. Os açambarcadores andam por ahí a comprar milho a nove e a dez tostões para o irem vender em mercados estranhos, é claro, por preços mais elevados.

Se não fossem as medidas preventivas tomadas pela autoridade administrativa, já não havia um grão de milho para vender no mercado! Acima das conveniencias pessoas de cada um está a justiça. Ninguém tem o direito de exigir iniquidades. Se toda a gente reconhece que os lavradores não podem vender o milho por tão baixo preço, como se hade forçá-los a trazer-lo do mercado por esse preço?

Como dissemos, estão tomadas providencias para evitar os açam-

barcamentos para fóra do concelho, mas o que a autoridade não pode, nem deve fazer é permitir violencias contra os vendedores, porque, de modo contrario, incitaria a desordem e o descrédito dos nossos mercados que deixariam de ser concorridos.

Ha casos tão especiaes na vida dos povos, que nem as leis os podem regular com segurança, sendo necessario que os proprios povos os encarem em sua consciencia e os resolvam com o seu criterio, sempre justiceiro quando refletido. Este é um desses casos excepcionaes. O governo fez uma tabela impraticavel, organizada por pessoas que não conhecem a vida da provincia, talvez porque nunca comeram pão de milho... Logo á primeira vista, reconhece-se que essa tabela tem o defeito de ser injusta, quando se pretendia exactamente o contrario. Da sua inexecução resultam inconvenientes graves, pelo desequilibrio que estabelece entre os interesses do que vende e do que compra. Genera lisando um só preço em todo o paiz, o governo queria desse modo evitar o acambramento, isto é, que se comprasse milho num concelho para se ir vender muito mais caro n'outro concelho, visto o preço ser igual em toda a parte. Pois bem, poz-se a tabela em vigor e acontece que os concelhos que não produzem milho suficiente para o seu abastecimento preferem ir comprar-lo a outros mais caro, para não morrerem de fome... Sem o espirito da ganancia mercantil, quem é que vai a concelhos estranhos comprar milho para o vender no seu concelho?

Ora, sendo assim, evidentemente o açambarcamento é inevitavel e até certo ponto justificado. E, continuando o açambarcamento, como se quer manter uma tabela que dá manifesto prejuizo ao vendedor? É impossivel!

O resto, os lavradores, sendo obrigados a vender com prejuizo, paralisam as suas culturas e pode o governo obriga-los a um sacrificio este ano, mas nos anos seguintes já os não pode obrigar a vender o que não produziram. Só os cegos não vêem isto!...

Se o governo, em vez de tabelas absurdas, tivesse tomado outras providencias de caracter verdadeiramente preventivo, os lavradores poderiam vender o milho pelo preço que agora se lhes impõe. Mas, com os adubos por preços exorbitantes, com uma falta de braços pavorosa, e tantas outras dificuldades com que lutam, como quer o governo que os lavradores vendam o milho «pelo mesmo preço» que o vendiam antes do atual

estado de cousas?! Quem nos lê habitualmente sabe bem que não temos interesses ligados á lavoura e que somos insuspeitos para criticar o «churrilho de disparates» com que inutilmente se tem pretendido acudir á crise das subsistencias, mormente no que respeita aos cereaes. Não é com «decretos de momento», mas sim com medidas de largo alcance, previstas de longe, com sabia experiencia, que acode a uma situação grave como a que estamos atravessando. Não é a legislar «sobre o joelho», irrefletida ou estuoidamente, que se resolvem problemas de tão magna gravidade.

Com tudo o que deixamos exposto, apenas desejamos demonstrar que o povo, no seu proprio interesse, se não deve deixar apaixonar pela ambição de comprar por preço muito barato o milho que appareça no mercado, quando em outros concelhos, não só o milho, mas toda a especie de generos alimenticios, se vendem por altos preços. É é loucura remalada adquirir pela violencia aos vendedores os seus produtos, porque eles de futuro se abstêm de concorrer ao mercado. Cada um que compre mais barato que puder, mas que ninguém faça uso da força para comprar barato.

O momento é para sacrificios e todos se devem compenetrar de que as violencias, partam elas d'onde partirem, são sempre um mau instrumento para a consecução de fins honestos e bem intencionados.

Isto não quer dizer que o povo consinta em vis e torpes explorações, feitas á sombra da sua generosidade. Mas, enquanto á sua consciencia se não mostrar que o querem explorar, o povo deve transigir, porque só assim é justo e razoavel e revelará a sua melhor virtude. E nós aqui estaremos sempre dispostos a defender a sua justiça

## Portugal e a guerra

### Chegada de forças a França

Por noticias recebidas no ministerio da guerra, sabe-se que chegou a França o terceiro troço das forças portuguezas que tinham embarcado em 23 do corrente.

Segundo a mesma comunicação, fizeram o trajecto sem haver o mais pequeno incidente, o que nos apraz registar com jubilo.

## AOS SOLDADOS

Camaradas! E' um militar tão arriscado, a ir para a guerra, como vós, que vos fala.

Camaradas! Coragem, e não deslustreis a raça de D. Afonso Henriques, de D. Nuno Alvares Pereira e outros que, com os corajosos feitos, ilustram as paginas da Historia Portugueza.

Camaradas! Para a guerra, que assim no-lo ordena a nossa honra, assim o mandam os velhos tratados.

Camaradas! Gostarieis de ver os vossos velhos paes, mutilados e incapazes de tratar dos vossos pequenos irmãos?...

Gostarieis de ver os vossos campos, as vossas sementeiras, espesinhadas e destruidas pelos vandalos inimigos?... Gostarieis de ver as vossas lindas noivas desonradas, e os vossos filhos sacrificados pelo inimigo?...

Decerto não gostarieis de ver nenhuma destas cenas...

Pois bem; para o evitar é necessario que marcheis intrépida e corajosamente para o campo de batalha... E' preciso que, com a maxima coragem e valor, continueis a tornar respeitado e temido o exercito portuguez.

Camaradas! Quando estiverdes em frente do inimigo, lembrai-vos de quem cá deixastes, chorando-vos, e fazei o possivel para voltardes á Patria, coberto de Gloria, e abraçardes os entes queridos.

Camaradas! A'vante pela Civilização; ávante pela Humanidade; ávante pela Patria!!!

Camaradas! A'vante!!!

Janeiro de 1917.

A. Correia Duque

(De «A Resistencia» de Coimbra)

### Cartorios de notarios

A folha oficial publicou uma portaria determinando que os cartorios dos notarios sejam considerados repartições publicas, devendo abrir ás 10 horas da manhã e fechar ás 4 da tarde.

## Justo castigo

Na estrada distrital que conduz á Castanheira de Pera, e mesmo em frente do Centro Democratico, desta vila, as ultimas chuvas, abriram uma enorme cova que passou a ser um perigo para as pessoas que por ahí passassem de noite e não se lembrassem do precipicio.

Aquele ponto, um dos mais concorridos da vila, apenas é iluminado pelo reflexo das luzes do aludido Centro.

O sr. Serra, que parece um grande inimigo da luz, não manda acender os candieiros da iluminação publica e tem á vila ás escuras, sem se encomodar com as consequencias que os outros venham a sofrer, por esse facto. Ha dias passando ali, em direcção ao Club, o sr. dr. Manoel de Vasconcelos, presidente do Senado Municipal, meteu um pé na referida cova, caiu e fez um buraco no chapéu da cabeça.

O sr. Augusto Lacerda, tambem foi ter á mesma cova, torcendo um pé.

Se houvesse luz, já se via o perigo, mas como o primeiro a esbarrar, foi o sr. presidente da camara, é com prazer que damos esta noticia.

Elas cá se fazem, cá se pagam.

Pode ser até que o caso dê logar a que o sr. dr. Manoel de Vasconcelos, ordene imperativamente ao sr. Serra que mande acender os candieiros, todas as noites. «Ha males que vem por bem».

## Pensões ás familias dos mobilizados

Na administração do concelho fizeram-se já os primeiros pagamentos de pensões deixados pelos mobilizados ás suas familias.

Na mesma repartição já se pagaram tambem algumas pensões requeridas pelas familias pobres dos mesmos mobilizados, tudo numa soma bastante importante.

## Cultura moral

Desde que reencontramos um amigo do qual temos estado muito tempo separados experimentamos alegria, quando perdemos uma pessoa que nos foi cara, sentimos uma profunda dor.

O praser e a dor, que nasceram do exercicio das nossas faculdades intellectuaes, são sentimentos. A estima a afeição, a aversão, a piedade, o desanimo, a esperança, enfim, as diversas emoções da alma são sentimentos. Os sentimentos representam um papel preponderante na vida dos homens.

São eles que, a maior parte do tempo, despertam e dirigem a vontade e, desta maneira, vem a ser os motores dos actos que praticamos. E' o sentimento da concupiscencia ou o de odio que arma o braço do assassino; é o sentimento de patriotismo que faz do soldado um heroi; é o sentimento de piedade e de amor do proximo que inspira os bemfeitores da humanidade.

A cultura dos sentimentos constitue o que se chama comumente a educação; ella oferece um interesse de ordem superior. E portanto, é preciso dizelo, ella é singularmente despresada num grande numero de escolas.

Procura-se instruir depressa e muito; para atingir este alvo, não se cessa de aprefeccionar os metodos de ensino. E abandona-se ao cego capricho do acaso a direcção dos sentimentos que devem determinar a conduta de toda a existencia.

Chamamos sobre esta estranha anomalia a atenção de todos os homens estudiosos. O nosso apelo dirige se duma maneira particular a todos os preceptores dos jardins da infancia e das escolas internatas, instituições que são a fase da educação popular. Uma grande e patriótica missão lhe tem sido dada; nós temos a confiança que nem a sua vontade nem a sua dedicação fallarão no cumprimento desta tarefa generosa que consiste em preparar o futuro.

(Tradução do Francez)  
Tomar, 20-2-917.

M. D. CODINHO

### DOENTES

Encontra-se doente, guardando o leito ha mais de um mez, o nosso amigo e assinante, sr. Joaquim Maria da Silva, comerciante nesta vila.

Sentindo o seu encomodo fazemos votos para que em breve possamos noticiar o seu restabelecimento.

### Isenção de Franquia

De futuro serão isentas de franquia todas as correspondencias que transitarem pelo correio pertencentes a officias ou praças do corpo expedicionario á França.

### FALECIMENTOS

No ultimo domingo, faleceu nesta vila, a menina Maria Aurora, filha mais velha do nosso amigo Jeronimo Rodrigues Pinhão.

A desditosa creança, que era o enlevo e encanto de seus paes, a quem deixa imersos numa dor profunda, desce á sepultura com 6 anos apenas.

O seu funeral teve lugar na segunda-feira, e foi dirigido pelo nosso amigo, Carlos Liborio. O caixão foi conduzido pelos meninos Gilberto, Almerindo, Eugenio e Antonio Fonseca, tendo pegado ás fitas as meninas Maria e Aurora Rodrigues, Maria Almerinda e Izabel de Sousa.

O sr. José Miguel Fernandes David, administrador do concelho, foi portador duma corôa, oferecida pelos paes da infeliz creança, com a seguinte dedicatória:

A' sua estremecida filhinha Aurora, saudade infinda de seus paes Jeronimo Pinhão e Maria da Conceição Pinhão.

A menina Alice de Sousa, tambem era portadora duma corôa de flores naturaes oferecida pela madrinha da desditosa creança, menina Marieta de Sousa, com esta dedicatória:

A' sua saudosa afilhada Aurora, oferece sua madrinha.

No cortejo funebre, incorporaram-se muitas meninas, conduzindo ramos de flores naturaes, a filarmónica desta vila, que executou uma sentidissima marcha e muitas pessoas podendo nós tomar nota das seguintes:

Dr. Mario das Neves e Castro, Alfredo Pimenta, João Ferreira de Carvalho, Manoel da S. Telhada, Abilio dos Reis, Manoel dos S. Abreu, Alvaro Grazeira de Paula Abreu, Basilio de A. Lacerda, Manoel Q. Paiva, Joaquim de M. Pinto, José Manoel Godinho, dr. Marcolino da Silva, Antonio Ferreira que representava o pae e irmão, Henrique Dias Correia, Manoel P. dos Santos, Antonio Rodrigues, José P. dos Santos, Manoel L. Bruno, Francisco S. Agria Junior, João P. Godinho, Miguel Carvalho Rosinha, José S. da Silva, Manoel do P. Fonseca, José Simões, Joaquim Granada, Antonio Silva David, Ernesto da Conceição Lacerda, Antonio e Manoel L. Agria, Manoel Alves, Manoel S. d'Abreu, Antonio J. de Sousa, Manoel D. Fontes, José M. do Pifaro, José G. da Costa, Albino Nunes, Anibal M. da Silva, José dos S. Abreu, José Medeiros, Artur de P. Furtado, José M. Oliveira, Antonio da Silva Nardo, Antonio A. Sequeira, José dos S. da Conceição, Antonio da S. Pimenta, Antonio Lopes, José Fonseca e Daniel S. Cortez.

Quando no ultimo numero, dissemos que a infeliz creança, estava doente, mal diríamos nós, que hoje teriamos de noticiar o seu falecimento. Que descance em paz a desditosa creança.

Aos seus inconsolaveis paes apresenta a «União Figueiroense» as suas condolencias.

Tambem faleceu em Lisboa, o filhinho recém-nascido, do nosso presado amigo, sr. Manoel Liborio Junior.

A alegria que seus extremos paes sentiram pelo nascimento da infeliz creancita, foi agora perturbada com a morte, que tão inesperadamente a arrastou á sepultura, tendo apenas dez dias de vida.

Sentindo o golpe profundo que os acaba de ferir, aqui lhes apresentamos as nossas condolencias.

## Corria o mez de maio

No extremo horizonte as serras recortavam-se sobre um fundo de purpura e ouro. Já tudo desperta!

São ranchos de raparigas que alegremente se dirigem ao trabalho das fabricas ou dos campos: são os homens, que escravos do vicio, vão logo de manhã «matar o bicho» na taberna; são bandos de passarinhos que chilreiam alegremente saltitando sobre o chão orvalhado.

Mas eis que do oriente o sol se eleva sobre o dorso escaldado das montanhas, como se fosse um enorme elefante que sobre si conduzisse o maior e o mais fulgido diamante.

A manhã era mesmo encantadora; porem tão embebecido estava em contemplala que nem já sabia o tempo que ali estava.

Envolta de mim, quasi ruido nenhum se ouvia.

Abri a porta do meu quarto, e entrei no dos meus colegas.

—Oh! Ainda na cama?

Acima preguiçosos, pois quem é que está deitado a estas horas e de mais a mais numa tão encantadora manhã?

Vá toca a levantar; e como é hoje dia de feriado, almoçemos mais cedo para dar um certo passeio, que tenho na ideia.

—Que passeio?

—De barco: é o que mais me agrada.

—Apoiado! Apoiado! Bela ideia.

—Acima rapasiada.

Hora e meia depois estavam prontos a partir, com a devida merenda, porque para um passeio, algum tanto comprido como este, deve levar-se alguma coisa que molhe as guélas ressequidas e que imponha respeito as penosas contracções do estomago.

—Pronto rapazes? Se fosse mais longo o passeio, tinhamos que alugar um carro: toca a maruhar.

—Alugar um carro disstestel? E com que? Pois estou depenado e estamos no meio do mez. Olha: quanto me acompanha é isto—um tostão.

Bem, bem; toca a marchar; repeti eu; e eis-nos devorando o caminho alegremente.

Atravessamos por campos d'uma frescura e uberrimidade prodigiosa.

No lados do caminho as plantas ainda choravam por causa dos asperos afágos da noite.

Sernache do Bomjardim.

Joaquim José de Sousa  
(Continua)

MARÇANO. Sem prática ofereceu-se.  
Dirigir a esta redacção.

## «A Manhã»

Com este titulo deve aparecer dentro de curtos dias o primeiro numero da «Manhã», novo diario republicano fundado pelos antigos redactores do «Mundo» e dirigido por Mayer Garção. «A Manhã» tem as suas instalações no largo Trindade Coelho, 29 1.º, Lisboa, e o seu corpo de redactores e colaboradores é garantia segura de que o novo jornal se orientará e inspirará sempre nos legítimos interesses da Republica.

### ANIVERSARIOS

No dia 24 do corrente mez, passou o aniversario natalicio do nosso amigo, sr. Carlos Liborio, comerciante nesta vila. O nosso amigo comemorando o seu quadregessimo primeiro aniversario ofereceu um delicado copo de agua a varias pessoas das suas relações.

Receba pois por tal motivo as nossas felicitações.

Ante-ontem tambem completou 15 annos de idade, a menina Elisa, filha do sr. João Luiz Junior, comerciante e vereador da camara municipal,

Os nossos parabens.

## Noticias pessoais

### SAIDAS

#### Adolfo Silva

Acompanhado de sua ex.ª esposa e filhinho, retirou ante-ontem para Vila Real o nosso amigo, sr. Adolfo Rodrigues da Silva, quintanista de direito.

Para Lisboa saíram ontem os nossos presados amigos, srs. Manoel dos Santos Abreu, José Manoel Godinho e Manoel Qnaresma Paiva, desta vila.

Com sua esposa e mana D. Edmea e D. Izaura, tambem saiu ontem para Lisboa, o nosso amigo, sr. Luiz Ferreira, comerciante, desta vila, que se fazia acompanhar de seu cunhado Manoel.

### VISITAS

#### Antonio Pinto Felix

Tem estado nesta vila, o nosso amigo, sr. Antonio Pinto Felix, interessado da casa comercial do Porto, Felix, Filho & Machado.

#### Acacio Manso

Acompanhado de seu irmão e nosso amigo, sr. Antonio Manso, esteve nesta vila o nosso presado amigo, sr. Acacio de Sousa Manso, importante proprietario nos Cabaços.

Esteve ante-ontem nesta vila o nosso correligionario, sr. José Maria Alves, do Avellar.

Visitaram ontem esta vila os nossos amigos, srs. Carlos Ascenção, chefe de distrito da Companhia dos Tabacos; Adriaõ Moraes David, escrivão de direito da Certã e o contador do juizo de direito d'aquella comarca.

De passagem para Aljustrel esteve nesta vila o nosso assinante, sr. Carlos Coelho.

Estiveram em Figueiró os nossos amigos, srs. Manoel Simões Borna, de Vilas de Pedro; Manoel Filipe Tomaz do Troviscal; Francisco Tomaz Pinhal das Botelhas; Abel Henriques de Carvalho, secretario da Camara Municipal de Castanheira de Pera; Rodolfo Alexandre Alves Correia, do Vilar e José Jorge Carreira, da Lomba da Casa.

Tambem ontem estiveram em Figueiró os nossos amigos, srs. Manoel da Silva e José Simões, do Fontão Fundero.

## Novo funcionario

Vae ser nomeado ajudante do sr. dr. José Delgado da Silva Ribeiro, notario desta comarca, o sr. Joaquim d'Araujo Lacerda Junior, secretario da camara, recentemente aposentado. Homem muito novo, robusto, cheio de vida e saude, declarou-se impossibilitado e fez-se aposentar, simplesmente para receber sem trabalhar, cinco libras por mez que vão sair da bolsa já magra do pobre contribuinte.

Uma vez aposentado procurou outro concheço e eil-o a comer a dois carrinhos.

São a-sim os taes amigos do povo! E as contribuições muicipaes a subir de ano para ano, duma maneira assustadora, sem que se veja um modesto melhoramento quer na vila, quer nas freguezias ruraes.

O sr. Joaquim de Araujo Lacerda, não podia exercer o lugar de secretario da camara, mas depois de aposentado, já pode exercer outro, não menos trabalhoso.

Simplemente espantoso!

## Alegrem-se as solteironas

Do «Seculo» de 21 do corrente:

«GUIMARÃES, 19.—C— Na paroquial de S. Torcato consorciou-se hoje a sr.ª D. Maria de Jesus Vieira da Costa, de 67 anos, professora official na Corredoura, com o sr. Antonio Ribeiro Martins, de 22 anos, soldado raso.

A noiva trajava vestido de seda branco e o noivo de casaca».

Com 67 anos de idade, a noiva que, para mais, é professora, deve ensinar boas coisas ao marido de 22 anos...

Alegrem-se as solteironas. Até aos 67 anos podem casar... com soldados razos!

## Serenata

'Stavas linda, linda, linda...  
Canteiro dos meus amores!  
Para ti tudo são rosas,  
Para mim tudo são dores!...

Tinhas no olhar a ternura,  
Nessa bemdita manhã!  
Tinhas ao peito um botão,  
Duma rosinha bouçã!

Saudaste o sol matutino,  
Que te temia beijar...  
Pois, do ceu azul, divino,  
Te queria namorar!...

Tuas tranças eram doiro,  
Tuas faces de carmim!  
O teu colo de alabastro,  
Os teus dentes de marfim...

Perguntei um dia á lua  
Se te podia beijar...  
E ella disse-me a chorar:  
—Beija, sim, porque é só tua!

Eu vivo só para ti...  
E tu de mim has-de ser!  
Pois, tu pria me disseste,  
Que eras minha até morrer!...

MILTHEBER

Guilherme Alves Sonhadelas,  
Um excelente rapaz,  
Ladino, esperto, sagaz,  
Que é perdido por donzelas...

## Casa dos Capotes Alemtejanos

Perguntou sem mais aquelas  
Ao amigo Nadafaz  
A maneira eficaz,  
De obter o amor d'elas!

Disse-lhe em ar maganão,  
Com palavrinhas amigas,  
Como se fôra a um mano:

—Quer d'inverno, quer de verão  
Não olhes p'r'as raparigas  
«Sem capote alemtejanol...  
Nadafaz



EM EVORA

E' nesta casa que se fabrica  
o verdadeiro e acreditado capote  
alemtejanos tendo esta casa grande  
sortimento em bons bureis e mesclas  
fornecidos pelos melhores fabricantes.  
Pedirem amostras a

Antonio S. Paquete, Sobrinho  
36, Rua João de Deus, 44. EVORA

risco de guerras, postaes, marittimos e agricolas.

—O largo desenvolvimento alcança  
do pela Companhia de Seguros «A  
COMPENSADORA», nos poucos mezes  
da sua existencia e os larguissimos creditos  
que em todo o paiz gosa, são a  
consequencia logica da seriedade que ela  
põe em todos os seus negocios e da correção  
como ela honra os seus compromissos.

O agente geral desta companhia  
em todos os concelhos circundantes,  
é o sr. Julio Martins, de Pedrogam Grande.

DIVORCIOS

E

TODOS OS ASSUNTOS JURIDICOS

A. MINEIRO

Escritorio Rua da Prata, 93, 2.

Telefone 3646 (central)

Residencia R. Francisco Foreiro  
F. J. 1.º

Telefone 209 (norte)  
LISBOA

## NOVO AER-MOTOR

Mais solido, mais perfeito e mais barato

Este novo systema de extrair agua dos poços  
garante a sua pureza para o consumo



Trabalhando com pouco vento, é, contudo, o  
melhor processo de moinhos de irrigação.

Inventor e constructor—Jironymo Rodrigues Pinhã  
Figueiró dos Vinhos

## NOTEM

### TODOS

Que o melhor adubo,  
o mais apropriado para  
todas as nossas culturas,  
o mais barato, o mais eficaz  
na cultura de MILHO e da BATATA  
e o unico que contem  
potassa, é o CATALATICO  
SIMPLES, ORGANICO  
E FOSFATADO, que vende  
por conta da fabrica,  
por atacado, em todos  
os concelhos circundantes.

Julio Martins

Pedrogam Grande

### Camas de ferro

Ha grande variedade de  
camas de ferro, lavatorios,  
colchões e enchergões, pelos  
preços da fabrica.

E no estabelecimento de José  
Miguel Fernandes David.

### BARBEARIA ARTE NOVA

Em frente do hotel Comercial  
Figueiró dos Vinhos

Carlos Jorge, participa  
aos seus amigos e freguezes  
que abriu uma barbearia em  
frente do Hotel Comercial,  
onde espera receber a visita  
do publico, que será servido  
com a maxima prontidão e  
asseio.

Esta casa, que é sem du-

vida a mais bem montada no  
seu genero, hade ser a preferida  
por todos, atendendo ás  
suas condições higienicas e local  
onde se encontra instalada a  
barbearia «Arte Nova».

### Companhia de Seguros

«A Compensadora»

Sociedade anonima de responsabilidade  
limitada

CAPITAL 500 CONTOS

Deposito de garantia na Caixa  
Geral dos Depositos, 25 contos

Sede social:—Ruã do Comercio

LISBOA

Ejetua seguros contra fogo,

Pé ante pé, Luiza dirigiu-se ao quarto dos paes e viu-os  
ambos deitados, espreitando pela nesga da porta que não  
ficára bem fechada.

Desta vez, o ataque não passára e o mineiro continuava  
a tossir com violencia. A mulher dormia. Habituará-se  
ao ruido que o marido fazia a tossir todas as noutes por  
causa da brônquite e, como passára toda aquela noute em  
claro, dormia a sono solto. A tosse continuava e a pequena,  
empurrando a porta cautelosamente, meteu a cabeça  
para ver melhor. Notou então que o pae estava descoberto  
até aos ombros e que tinha o braço direito á vela, conti-  
nuando e tossir. Então avançou até ao leito, puxou a rou-  
pa devagarinho para cima e, com muito geito, pegou-lhe  
no pulso para lhe colocar o braço debaixo da roupa. Es-  
caldava! Está doente! pensou. Preciso de acordar a mãe,  
para tratar d'ele, mas se os acordo a ambos? Isso é que  
eu não queria, mas ela está lá do lado da parede! Espera,  
vou buscar um banco. Assim fez, foi á cosinha, colocou o  
banco á beira do leito, trepou a ele e, debruçando-se, ia  
puxar pelo lenço que a mãe tinha na cabeça, mas com  
tanta infelicidade que se desequilibrou, tombando-se o ban-  
co e caindo ela no chão com grande ruido.

O mineiro e a mulher, acordando sobresaltados, volta-  
ram-se para o lado da pequena e ouviram-na dizer com  
uma voz muito comprometida, ao mesmo tempo que se  
levantava e erguia o banco do chão:

—Valha-me Deus, sempre sou muito estovada! Queria  
chamar a mãe, sem o pae acordar e fiz isto!...

—Mas... já é muito tarde! disse a mulher ao mineiro.  
Então não foste hoje trabalhar?!

—Não respondeu ele, estou doente e, alem disso, tenho  
que fazer na Catraia. Levanto-me hoje mais tarde...

A pequena saiu do quarto, a mãe começou-se a vestir e  
o marido puxou a roupa para si, dizendo á mulher:

Traz-me lá um golo d'aguardente, que o diabo da ca-  
tarreira apoquentá-me a valer. Tenho aqui uma pontada  
sobre a ilharga direita e a roupa ainda esta molhada de  
ontem. Enxuga-a lá ao lume, mas traz-me primeiro a

aguardente. A mulher vestiu-se e assim fez. Quando vol-  
tava para fóra com as calças e o jaleco do homem, já a  
filha estava debruçada na lareira a soprar com toda a for-  
ça nas brazas que puzera em cima do mato para acender  
o lume. D'ahi a bocado era uma labareda enorme que  
ateava a lenha, mas a casa estava cheia de fumo.

Tu não sabes fazer isso, rapariga! dizia a mãe Enches-  
te a casa de fumo. Abre lá a porta!

A pequena assim fez, respondendo que, no tempo de  
inverno, nunca a chaminé fumava bem.

O mineiro ingerira uma porção grande de aguardente,  
mas a tosse nem assim passava. Com o fumo da cosinha  
e a humidade que entrára pela porta, piorou. Grandes  
convulsões de tosse, calafrios e uma dor de cabeça violenta  
faziam-no dar voltas na cama. Sentia-se mal e chamou  
a mulher, dizendo-lhe que fosse chamar o barbeiro, que  
aquilo não era para brincadeiras. A mulher assim fez e  
d'ahi por uma hora o mestre Antonio Gingal batia á porta  
e via o enfermo.

—Deite lá a língua de fóra para ver as influencias do  
figado, dizia o Guingal ao mineiro. Viu, reviu, tomou o  
pulso, tirou da algibeira um alfarrabio encebado, poz os  
olhos no nariz, folheou e, depois de ler um bocado, dia  
gnosticou solenemente:

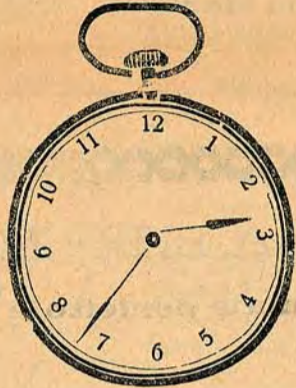
—Olhe, ô compadre, isso é o que se chama um valente  
catarral! Meio litro de café num tijela, um decilitro de  
angardente em cima, tudo a ferver, e é pára baixo com  
isso! Não saia da cama e amanhã cá volto.

—Mas eu preciso de sair de casa d'aquí a bocado, re-  
darguiu o mineiro.

—Nada d'asneiras, compadre! Você não tire os costa-  
sios da cama, enquanto lhe eu não der orde! sentenceou o  
barbeiro com um olhar fulminante. E depois voltando-se  
para a mulher, disse-lhe: Vá já fazer a receita que lhe disse  
e se aquela pontada não sair, vá lá a casa á noute dizê-lo.  
Os raios dos catarraes andam por ahi desencabrestados e  
se a gente se não mete a eles á á má cara, mandam uma  
pessoa para o outro mundo enquanto o diabo esfrega um

RELOJOARIA E OUIVESARIA

DE  
Manoel Lourenço Gomes dos Santos  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Participa ao publico que acaba de chegar a esta antiga e acreditada casa um grande sortido de relojoaria e ourivesaria de todas as qualidades e para todos os preços.

Relogios historicos; ditos com corda para quatrocentos dias e outros com lindas peças de musica.

Estes relogios são da maxima confiança, afiançados por 3 ou 4 anos e não trocam as horas.

**Concertos em todos os relogios a preços convidativos, sendo estes garantidos.**

Nesta acreditada casa tambem o publico encontra uma enorme variedade de gramofones e um colossal sortimento de discos com as mais lindas e variadas peças de musica, muito proprias da atualidade.

Vende maquinas de costura, por preços barattimos e convenientes, alem disso tem tambem maquinas novas de pé e mão aos seguintes preços e a pronto pagamento: de mão a dezoito escudos, 18\$000; de pé desde vinte a trinta e um escudos, 20\$000, 31\$000; sendo estas afiançadas por 5 anos.

**Compra prata e ouro velho, por bom preço**

BARATEIRO DO POVO

É o estabelecimento que mais barato vende e que maior sortido tem

Fazendas de lã, algodão e seda. Miudezas, mercearia e brinquedos.

*Sola, cabedaes e todos os artigos para sapateiro, por preço mais baixo do que em qualquer parte*

**Camas de ferro, colchões, enxergões e lavatorios**

Correspondente das Companhias de Seguros "A Lisbouense e Indemnizadora,"

Provem o delicioso café que acaba de chegar ao  
**BARATEIRO DO POVO**  
em latinhas de 6, 8, 12 e 16 centavos.  
Tambem ha avulso, uma especialidade d'esta casa que não recebeia competencias.

TIPOGRAFIA "UNIAO FIGUEIROENSE,"  
Execução perfeita de todos os trabalhos tipograficos

O proprietario

JOSÉ MIGUEL FERNANDES DAVID

FIGUEIRO DOS VINHOS

olho. O barbeiro saiu e a mulher foi fazer o café ao marido na formula indicada pelo curandeiro.

—O' mulher, tu não viste os olhos que o mestre Gingal deitou por baixo dos olicos, quando eu lhe disse que queria sair logo de casa?

—Eu não, homem, não reparei nos olhos d'ele.

—Pois olha que me pareceram os olhos do diabo a agoirar-me!... Eu estou ainda novo... o rapaz ainda é pequeno... eu não queria ainda morrer...

—Cruzes, canhoto, que ideias que tu tens, homem, não fales n'essas coisas, que me affliges a minha alma! Jesus, Maria Sdê, então tu havias de morrer tão cedo?! E a mulher mudou de côr e benzeu-se tres vezes. Emquanto ela saia do quarto para vir tratar do almoço, o mineiro limpou a uma ponta do lençol uma lagrima que lhe irrompera de um dos olhos, exclamando: — Os catarraes... Assim se conservou todo o dia. A' noute ardia em febre, a pontada tomava-lhe todo o pulmão direito, a tosse era cada vez mais violenta. O barbeiro diagnosticára bem—era um valente catarral!

N'aquelle dia, porém, já o sol tinha nascido havia muito, embora ocultasse a sua luz encandescente por detrás das nuvens negras que cobriam o espaço do pequeno logar da Catraia, fechando-o num circulo de chuva. Eram sete horas e não se via nada cá na rua.

A Luizita foi quem primeiro acordou em toda a casa e, esfregando os olhos, acotovelou o irmão para o acordar. Saltou para fóra da cama, cingiu a saia de castorina á cinturita de vespa, calçou os tairocos e foi abrir a porta da rua. Olhou para fora, franzindo os sobrolhos para poder melhor encarar o aspecto do tempo e disse consigo:

«Que grande tempestade! Este maldito inverno não acaba este ano!» Sentiu um arrepio de frio, fechou a porta e recolheu-se, seguindo em direcção á cosinha para ir aquecer as mãos ao lume.

Qual foi o seu espanto, quando viu que a lareira estava apagada! Então compreendeu tudo: a mãe estava ainda deitada. Coitadinha d'ela, levou toda a noite a chorar e adormeceu só de manhã! pensou a Luizita. Descalçou os tairocos e disse para si: deixa-la dormir, vou acender o lume, faço o almoço e irei eu mesma leva-lo á mina! Quem é que não sabe esaldar umas migas com azeite e alho? Isso é coisa que a Luiza faz num instante! E desta vez ainda hade levar dois ovos por cima. Quando a agua está a ferver, não se pegam ao fundo da panela. Ai que beleza de almoço que o pae vae ter hoje!

Animada por este pensamento, a Luizinha tirou duas achas de pinho do canto da cosinha, po-las em cruz em cima de um pouco de mato seco e ia para deitar-lhe o fogo, mas não tinha fosforos... Querem ver o pae não deixou os fosforos hoje na cantareira? monologou ela por entre os dentes. Isto é que vae ser um arranjo! Embora, que eu heide acender o lume: vou ali á tia Maria Canela que me dê umas brázas e está tudo pronto... Tornou a calçar os tairocos, deu a volta á fechadura, mas, quando ia para sair, ouviu tossir o pae com violencia. Mas então ele não foi já para o trabalho?! exclamou a pequena admirada.